



ISPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**O ENVOLVIMENTO PATERNO
EM CASAIS DIVORCIADOS**

ANA MARIA CRUZ GARCIA

Orientador de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MANUELA VERÍSSIMO

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MANUELA VERÍSSIMO

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Clínica

2014

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof. Doutora Manuela Veríssimo, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Manuela Veríssimo por me ter acompanhado e orientado ao longo deste processo e me ter incluído no projeto de investigação. Agradeço sobretudo ter sabido lidar com as minhas ansiedades e incertezas fazendo-me sempre acreditar e valorizar o meu trabalho.

Agradecer à minha família, ao meu pai, à minha mãe e à minha irmã Leonor por me terem acompanhado durante estes cinco anos, mas sobretudo, neste trabalho final. São sem dúvida as pessoas que melhor me conhecem e um pilar imprescindível. Obrigada por terem sabido lidar com as minhas angústias, as minhas inseguranças e terem-me feito acreditar nas minhas capacidades nos momentos de maior desânimo.

Às minhas amigas, aos meus amigos e ao meu namorado, por acreditarem em mim, por todo o apoio, força, motivação e compreensão em todos os momentos em que estive menos disponível ou em que pensava não ser capaz.

E por último, agradecer às minhas amigas e colegas, Raquel, Mariana e Cátia, por me terem acompanhado durante todo o percurso académico e sobretudo neste trabalho final. Agradeço de igual forma à Kéké, pelas longas horas de trabalho em conjunto, pelo constante suporte e boa disposição. Foi essencial poder contar com amigas acessíveis e compreensivas que caminham paralelamente a nós nesta recta final e compreendem cada etapa deste processo.

RESUMO

Importantes alterações na estrutura familiar tradicional, sobretudo em relação às expectativas acerca dos papéis das figuras parentais têm fomentado uma maior incidência de estudos acerca do envolvimento paterno na família, no entanto, poucas investigações se têm debruçado sobre o envolvimento do pai em famílias divorciadas. Como objectivo principal, este estudo pretende verificar se existem diferenças, ou não, ao nível do envolvimento paterno em casais divorciados, tendo por base os domínios: Cuidados Diretos e Indiretos, Ensino/Disciplina, Brincadeira e Lazer no Exterior. Participaram nesta investigação 185 casais divorciados, cujos filhos frequentavam escolas do Distrito de Lisboa. Foram consideradas as características individuais dos pais como as habilitações literárias e a idade (mães tinham em média 33 anos e os pais 36 anos) e características da criança, como o género. Os resultados obtidos evidenciaram que o envolvimento paterno flutua em função do tipo de atividade, sendo que, as tarefas de cuidados são maioritariamente asseguradas pelas mães, ao passo que, se verifica uma partilha nas tarefas de socialização. Constatou-se que na opinião das mães, quanto maiores as habilitações literárias dos pais, maior o seu envolvimento nos Cuidados Indiretos, e que, segundo as mesmas, há uma tendência para um maior envolvimento do pai com os filhos rapazes ao nível da dimensão Ensino/Disciplina. Observou-se ainda uma elevada consonância entre as opiniões de pai e mãe.

Palavras- chave: Envolvimento Paterno; Divórcio; Partilha

ABSTRACT

Significant alterations in the structure of traditional families, especially in what concerns the expectations on the roles of parental figures, have generated a great amount of studies about the paternal involvement in the family. Nevertheless, there have been few studies made about the involvement of the father in divorced families. This study's main objective is to verify if there are any differences in the case of divorced couples in the following domains: Direct and Indirect Care, Nurture and Discipline, and Entertainment and Leisure outside the home. 185 divorced couples have participated in this study whose children frequented schools in the Lisbon District. Individual characteristics of both parents were taken into account, such as academic qualifications and age (the mothers were in average 33 years old and the fathers 36), as was the gender of the children, for example. The results observed show that the paternal involvement varies according to the type of activity. The nurturing and care chores are usually provided by the mother, while the social activities are shared by both parents. It was verified that, according to the mothers' opinions, the better the fathers' academic qualifications were, the greater was his involvement in the Indirect Care of the children. According to the mothers, the fathers tend to get more involved with the male children's Nurture and Discipline. It was also verified that this opinion was shared both by the fathers and the mothers.

Key words: Paternal Involvement; Divorce; Share

ÍNDICE

Agradecimentos	III
Resumo	IV
Abstract.....	V
1. Revisão de Literatura.....	1
1.1 Envolvimento Paterno	1
1.1.1 Novo ideal de partilha parental	1
1.1.2 Envolvimento do pai.....	2
1.1.3 Factores que influenciam o envolvimento paterno.....	5
1.1.3.1 Características do pai.....	6
1.1.3.2 Características das crianças.....	6
1.1.3.3 Aspectos de ordem familiar.....	7
1.1.3.4 Factores socioinstitucionais.....	7
1.2 Divórcio.....	9
1.2.1 Divórcio em Portugal.....	9
1.3 Objetivo do estudo.....	16
2. Metodologia.....	18
2.1 Participantes.....	18
2.2 Instrumentos.....	18
2.2.1 Questionário sociodemográfico.....	18
2.2.2 Escala de Envolvimento Parental: Atividades de cuidados e de socialização.....	18
2.3 Procedimento.....	19
3. Resultados.....	21
4. Discussão.....	25
5. Referências.....	31

6. Anexos.....	40
----------------	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.....	21
Tabela 2.....	23
Tabela 3.....	24

1. REVISÃO DE LITERATURA

1.1 Envolvimento Paterno

1.1.1 Novo ideal de partilha parental

Nas últimas décadas tem-se assistido a transformações importantes a nível económico, cultural e sociodemográfico que se têm repercutido numa alteração na estrutura familiar tradicional e nas expectativas acerca dos papéis das figuras parentais (Torres, 2004). Estas mudanças são sobretudo o aumento das taxas de divórcio, de gravidez fora do casamento e a maior incidência da mulher no mercado de trabalho, que, segundo o Instituto Nacional de Estatística (2013) no terceiro trimestre desse ano, a taxa de emprego feminino foi de (46.1%) face a (56.2%) do masculino. Surge uma necessidade de readaptação dos papéis dos pais e das mães e subseqüentemente uma alteração nas suas responsabilidades para com a criança (Cabrera, 2010). A divisão de tarefas com base no género tem vindo a ser desconstruída, surgindo um novo ideal de co-parentalidade ou “partilha parental”. Segundo este ideal, há uma partilha nas responsabilidades financeiras, domésticas e nas relacionadas com os cuidados à criança (Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000; Deutsch, 2001).

A imagem atual da mulher tem vindo a mudar, assumindo responsabilidades tanto a nível familiar como profissional e, em conformidade com esta mudança, também a imagem do pai tem sofrido alterações, sendo enfatizado um pai afectuoso e ativamente envolvido no dia-a-dia dos seus filhos (Monteiro, Veríssimo, Santos & Vaughn, 2008). Nos anos 70, surgiu um novo ideal de paternidade em que o pai passou a participar ativamente na vida da criança, não apenas a nível funcional, como até à data, mas também a nível emocional (Lamb, 2010). O pai tem vindo a ser encarado como mais afectuoso, presente e prestável, combinando estas características, correntemente atribuídas à mulher, com a disciplina e a autoridade, tradicionalmente encaradas como características masculinas (Cabrera et al. 2000; Deutsch, 2001). Deste modo, na maioria das famílias ocidentais, o pai já não é um provedor do sustento económico que apenas desempenha um papel indireto e reduzido na criação dos seus filhos (Lamb 1975; Parke, 1996; cit. por Silva e Piccinini, 2007). Balancho (2004) refere que, de facto, na sociedade portuguesa parece assistir-se a uma alteração no papel do pai, quando comparado com gerações anteriores e Bonino (2003), realça que tem surgido um fenómeno a

que se dá o nome de renascimento do pai, que se prende com a emergência de um pai diferente dos modelos de pai autoritário e distante.

Balancho (2004) debruçou-se sobre a comparação entre as representações de paternidade entre duas gerações diferentes (pais e avós). Os resultados que obteve evidenciaram que, de facto, a representação da primeira geração (avós), corresponde à imagem de um pai mais tradicional, autoritário, disciplinador e emocionalmente distanciado da criança. Por sua vez, e por oposição, a segunda geração (pais) considera fundamental a capacidade de ser compreensivo, dialogante, de se envolver emocionalmente com o seu filho e que a autoridade deve ser partilhada de forma descontraída e lúdica. Os resultados obtidos pela autora, demonstram que os aspectos mais relevantes do pai do passado são, por ordem: a imposição de autoridade, a ausência da vida dos filhos, a disciplina e a distância emocional. Ainda neste estudo, quando questionados sobre quais os aspectos mais importantes para si, os pais de segunda geração, referem que o mais importante é a capacidade de ser compreensivo e de dialogar. De seguida, o de estar presente na vida dos filhos, bem como, o de partilhar o poder e a autoridade. Por último, referem que ser lúdico e descontraído também é um terceiro aspecto a ter em conta. Os pais contemporâneos percebem-se como tendo uma maior responsabilidade na vida dos filhos. Empiricamente tem sido demonstrado que estes despendem mais tempo com os filhos do que os pais de antigamente (Lamb, 1997; Pleck, 1997; cit. por Balancho, 2004).

Monteiro et al. (2008), constataram que a representação da paternidade alterna entre uma perspectiva mais conservadora e mais contemporânea. Dado que, quando comparados com os pais de gerações anteriores, alguns pais já estejam mais presentes e ativos na vida dos filhos, a grande globalidade ainda se mantém inalterada. Esta evidencia vai de encontro com estudos anteriores que referem que este processo de mudança tem sido moroso (e.g. Lamb & Tamis-LeMonda (2004); Pleck & Masciadrelli, 2004).

1.1.2 Envolvimento do pai

Nas últimas décadas tem-se assistido a uma maior incidência em estudos sobre o nível de envolvimento paterno (Lamb, Pleck, Charnov e Levine, 1987). Este conceito surgiu, através de observações e descrições que foram sendo feitas acerca dos comportamentos dos

pais com os seus filhos em investigações que pretendiam estudar as mudanças relacionadas com a paternidade, como por exemplo, qual o efeito que os pais exercem sobre os seus filhos (Parke, 1996; cit. por Silva e Piccinini, 2007). Segundo Manlove & Veron-Feagans (2002), quando se fala em envolvimento, o papel do pai é muito menos definido do que o da mãe. Os autores referem inclusive, que possivelmente isso se deva ao facto de não haver ainda nenhuma norma que defina o que é o envolvimento. Posteriormente, Lamb (2004), esclarece que para uma compreensão adequada da paternidade, é fundamental ter em consideração os múltiplos papéis que os pais desempenham no contexto familiar, o impacto que têm no desenvolvimento da criança e na dinâmica familiar.

Com base no modelo proposto por Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1987), o envolvimento paterno pode ser estudado distinguindo três componentes do mesmo: a participação, a acessibilidade e a responsabilidade. A participação diz respeito à interação direta com o filho no contexto de cuidados e de atividades partilhadas. A acessibilidade ao filho, quer haja interação entre ambos ou não, pressupõe que os pais devem estar disponíveis a responder se e quando necessário. Por último, a responsabilidade, remete para o papel que o pai exerce, garantindo o bem-estar e a segurança da criança.

Segundo Parke (1996 cit. por Monteiro e Veríssimo, 2010), devem ser feitas ainda duas distinções. A primeira está relacionada com a diferenciação entre os contextos e os tipos de interação ao nível de envolvimento com a criança nas tarefas de cuidados e nas atividades de brincadeira/ lazer. Esta distinção permite uma análise mais detalhada dos papéis parentais e de quais os efeitos dos mesmos no desenvolvimento da criança. A segunda distinção é referente ao nível do envolvimento absoluto e relativo, uma vez que, os ambientes são muito diferentes para as crianças nas famílias em que o envolvimento relativo de mães e pais é semelhante comparando com aquelas em que o nível de envolvimento é desigual.

No entanto, os estudos que se debruçam sobre as diferenças nos estilos parentais são consistentes, identificam diferentes padrões de participação e responsabilidade paterna consoante o tipo e atividade (e.g., Bailey, 1994; Deutsch, 2001; Levy-Shiff & Israelashvili, 1988; Monteiro, Veríssimo, Castro e Oliveira, 2006). Assim, o envolvimento do pai pode ser variável caso as tarefas digam respeito aos Cuidados Diretos, que englobam as interações diretas do dia-a-dia da criança e implicam a interação com a mesma; aos Cuidados Indiretos estão relacionados com a organização ou planeamento das atividades da criança e não

requerem necessariamente esta interação; ao Ensino/ Disciplina que está relacionado com o estabelecimento e cumprimento de regras e o ensino de competências; à Brincadeira, mais calma ou mais física, e atividades lúdicas; e por último, Lazer no Exterior que engloba as atividades realizadas fora de casa (Monteiro et al., 2010). É consensual que, por norma, as interações mãe/criança são principalmente em tarefas de cuidados e as interações pai/criança incidem sobretudo em tarefas relacionadas com a brincadeira (Monteiro et al., 2008; Lamb, 2010).

Em trabalhos como os de Monteiro, Veríssimo, Castro e Oliveira (2006), Torres (2004) e Monteiro et al. (2008), observou-se que o pai apenas assumia um papel de ajuda ou suporte quando necessário. Contrariamente, Monteiro et al. (2010) verificaram que, existe uma participação de forma tendencialmente igualitária entre pai e mãe, no entanto, nos Cuidados Diretos e que nos Cuidados Indiretos ainda se assiste a uma divisão de tarefas tradicional em que a mãe se assume como principal responsável. As atividades ligadas à socialização da criança, como Ensino e Disciplina, Brincadeira e Lazer são maioritariamente partilhadas, sendo essa partilha desejada pela mãe. Não obstante, no que respeita aos Cuidados Diretos e Indiretos já não se assiste a esse desejo materno, sobretudo nos Cuidados Indiretos. Uma possível explicação para este facto é que estas são funções de maior responsabilidade e culturalmente associadas à mãe (Beitel & Parke, 1998; Monteiro et al., 2010). Culturalmente, pensa-se que, por predisposição, as mães cuidam melhor dos seus filhos do que os pais. No entanto, esta crença está errada porque tanto as mães como os pais adquirem as suas competências com a prática (Lamb, 1987).

Segundo Cabrera et al. (2000), criou-se a crença de que a relação com o pai não teria muito impacto no desenvolvimento infantil, dado que a mulher tinha um papel central nos cuidados da criança. No entanto, Monteiro e Veríssimo (2010), demonstraram que a quantidade de envolvimento paterno contribui positivamente no desenvolvimento socioemocional da criança.

Quando começaram a surgir as primeiras definições do conceito de envolvimento paterno, a qualidade e o conteúdo do envolvimento não eram tidos em consideração, havendo um maior interesse em determinar a quantidade de envolvimento (Jain, Belsky & Crnic, 1996). No entanto, os psicólogos do desenvolvimento têm vindo a evidenciar que existe uma correlação entre a qualidade do envolvimento paterno e os resultados no desenvolvimento da

criança, não sendo por isso, a quantidade de envolvimento por si só (Parke, 1995; Pimenta, Veríssimo, Monteiro & Pessoa e Costa, 2010).

Brown, McBride, Shin, e Bost (2007) sublinham atividades realizadas com o pai e os contextos em que este participa promovem o desenvolvimento da criança, assim, a qualidade da relação entre o pai e a criança poderá estar relacionada com um tipo particular de envolvimento, a brincadeira, uma vez que estas interações através da brincadeira podem contribuir para aumentar a saliência dos pais e para o desenvolvimento das relações pai/filho (Lamb, Frodi, Hwang & Frodi, 1983).

Em algumas situações, o maior envolvimento do pai está relacionado com a necessidade de assumir a responsabilidade pelos cuidados dos filhos, vendo-se forçados a participar mais ativamente, sem que essa seja a sua vontade, ou inclusive sem que seja desejo da sua mulher (Russell, 1983; cit. por Monteiro et al., 2008). Hwang e Lamb (2002), referem que, nos resultados que obtiveram o envolvimento parental tinha um carácter relativamente estável, excepto quando as razões que levam a esse intenso envolvimento estão fora do seu controlo e não são desejos pessoais seus. Nestas ocasiões, o maior envolvimento paterno não preconiza um benefício para a criança e pode mesmo trazer consequências negativas para a mesma. Portanto, é errado assumir que o maior envolvimento do pai traz sempre consequências positivas para a criança (Lamb, 1987).

1.1.3 Factores que influenciam o envolvimento paterno

O envolvimento paterno pode ser definido pela mãe, pela relação do casal e/ou por factores externos como por exemplo, factores psicossociais (Lamb, Pleck, Charnov & Levine, 1985). Quando se analisam os factores que têm impacto no envolvimento paterno, são maioritariamente referidos cinco, que podem ser correlacionados ou independentes: aspectos de ordem familiar - como as atitudes da mãe em relação ao envolvimento do pai e a qualidade da relação conjugal - as características psicológicas do pai - as atitudes em relação aos papéis de género ou a motivação – as características da criança - por exemplo a idade e o género- os factores socioinstitucionais – o estatuto socioeconómico, o emprego materno ou as exigências do trabalho - e as influências culturais - como os valores e crenças sobre a parentalidade (Arendell, 1996; Lamb, 1987).

1.1.3.1 Características do pai

O maior ou menor envolvimento paterno também tem sido analisado consoante a idade do pai, no entanto os resultados não são consensuais. Para Monteiro et al. (2006) não há associações entre a idade do pai e o seu envolvimento nas tarefas. Por outro lado, alguns estudos concluíram que o envolvimento do pai nas tarefas de cuidados e disciplina diminuía com o avançar da idade (Monteiro, 2010; McBride et al., 2005), ao passo que, Lima (2008) revelaram que os pais mais velhos interagem mais com os filhos, estão mais acessíveis e assumem mais responsabilidades do que os pais mais jovens.

1.1.3.2 Características das crianças

Em relação às características da criança, segundo Arendell (1996), o envolvimento paterno está relacionado com o género desde o nascimento. Os pais têm uma maior tendência a estar mais envolvidos e a despende mais tempo com os filhos do que com as filhas, sem ter em consideração a idade (Easterbrooks & Golberg, 1984; Grossman et al., 1988). Rouyer, Frascarolo, Zaouche- Gadron, e Lavanchy (2007) e Lima (2008) acrescentam que os pais de rapazes têm uma propensão maior a um envolvimento no cuidado da criança do que os pais de raparigas, ao passo que, Levy- Shiff e Israelashvili (1988) concluíram que é mais visível um tratamento mais diferenciado nas atividades lúdicas do que na prestação de cuidados. Contrariamente aos autores citados anteriormente, Bailey (1994), relativamente ao período pré-escolar, não constatou nenhum tratamento diferencial por parte dos pais, o que vai de encontro a Pleck e Masciadrelli (2004), que também não constataram diferenças no envolvimento paterno em função do género.

No que diz respeito à relação entre a idade da criança e o envolvimento do pai, os resultados são contraditórios. Lamb (1987), constatou uma equivalência entre a mãe e o pai, uma vez que, os pais dedicam mais tempo a tarefas de cuidados quando os seus filhos são mais pequenos. Por sua vez, Bailey (1994), refere que entre o primeiro e o quinto aniversário dos seus filhos, há um nível de envolvimento paterno crescente na prestação de cuidados, contrariamente a Laflamme, Pomerleau e Malciut (2002) que preconizam que com a idade, as necessidades de cuidados básicos vão diminuindo mas o envolvimento do pai em atividades de brincadeira exterior mante-se estável.

Em estudos com amostras portuguesas, verificou-se que, no que respeita a atividades de socialização, o envolvimento do pai não varia significativamente em função da idade (Lima, 2005 cit. por Monteiro et al., 2010). Corroborando esta ideia, também Monteiro et al. (2006), num estudo com crianças entre um e seis anos, não encontraram associações entre a idade da criança e a participação do pai nas atividades de cuidados nem nas atividades de brincadeira.

O número de horas que a criança passa na instituição também se repercute no envolvimento, uma vez que, segundo Monteiro et al. (2006), existe uma relação entre o número de horas que a criança passa na creche e a partilha parental. Na óptica dos pais e das mães reflete-se numa maior partilha parental ao nível das Atividades Práticas, no entanto, apenas para o pai há também uma maior partilha nas Atividades Lúdicas.

1.1.3.3 Aspectos de ordem familiar

Nos últimos 30 anos tem-se evidenciado o impacto que os pais têm, de forma indireta, nas mães (Lamb e Lewis, 2004). Por esse motivo, Bowlby (2002) refere que o pai tem também uma função de apoio emocional e instrumental à mãe, por forma a contribuir para um clima mais agradável e propício ao desenvolvimento da criança.

A importância do pai e da mãe no desenvolvimento dos seus filhos tem vindo a ser demonstrada, uma vez que, a partilha de funções, comportamentos e atitudes entre ambos é benéfica para os seus filhos (Lamb, 1987). Para além disso, Silva e Piccinini (2007), concluíram que o bom relacionamento entre o casal é um facilitador para o envolvimento dos pais com as crianças, uma vez que, o bom ambiente entre a mãe e o pai é um incentivo importante para que a mãe, através do seu discurso, torne o pai psicologicamente mais presente para os seus filhos.

1.1.3.4 Factores socioinstitucionais

Em famílias biparentais, o grau de envolvimento do pai com filhos em idade pré-escolar e escolar, varia consoante a situação profissional da mãe (Lewis & Lamb, 2003). Segundo Brout, Lepotsky, Silverstein e Auerback (2010) encontram-se níveis mais elevados

de envolvimento paterno em famílias em que ambos os progenitores trabalham, uma vez que, quando a mãe também trabalha, a participação do pai nas atividades da criança é significativamente maior, quer em atividades de organização e cuidados, quer de envolvimento social (Bailey, 1994).

Contrariamente, Laflamme, Pomerleau e Malciut (2002), referem que a percepção que o pai e a mãe têm da partilha da responsabilidade parental não sofre um grande impacto pelo emprego materno. Segundo Levy- Schiff e Israelashvili (1988), as atitudes do pai e a percepção que este tem do seu papel são fundamentais para determinar o seu grau de envolvimento, assim, o emprego poderá não ser suficiente para justificar a sua participação. Corroborando esta ideia, Manlove e Vergon- Feagans (2002) defendem que o emprego, por si só, não poderá ser uma explicação para o grau e tipo de envolvimento paterno em famílias em que ambos os pais trabalhem a tempo inteiro, uma vez que, nesses casos, os seus filhos frequentam creche ou jardim- de- infância.

Analisando as habilitações literárias de ambos, Torres (2004) preconiza que, com o aumento do nível de escolaridade, a participação dos homens nas tarefas de cuidados também aumenta, sobretudo, entre os pais com o ensino básico adquirido e os pais com o secundário ou o ensino superior. No entanto, nas atividades de brincadeira, estas diferenças não são tão notórias. Segundo Monteiro et al. (2006) o maior envolvimento do pai ocorre quer nas atividades de brincadeira e lazer (Atividades Lúdicas), quer nas de organização e cuidados (Atividades Práticas), no entanto, estas últimas não são partilhadas. Pressupõem ainda que o facto de os pais com habilitações literárias superiores participarem mais nas Atividades Práticas, poderá representar uma menor rigidez em relação aos papéis de género ou menor rigidez de horários, o que vai de encontro ao referido por Peitz et al. (2001 cit. por Monteiro e Veríssimo, 2010) que defendia que o envolvimento do pai nas tarefas de cuidados à criança está relacionado com o número de horas de trabalho de ambos os pais, no entanto, isso não se verifica em atividades de lazer, pois estas são tarefas partilhadas.

Reforçando a ideia anterior, também Monteiro et al. (2006) e Monteiro et al., (2010) concluíram que a participação do pai está positivamente correlacionada com as habilitações literárias, assim, quanto menor nível de escolaridade das mães, menor a participação dos pais nos cuidados. Se considerarmos que com um menor nível de habilitações literárias, normalmente equivale a uma menor remuneração, Torres (2004) esclarece que em Portugal,

apesar da percentagem de entrada de mulheres no mercado trabalho ser mais elevada, na maioria dos casos, estas ocupam cargos de menor prestígio e menos bem remunerados do que os dos homens.

1.2 Divórcio

A família é uma instituição social que se tem transformado ao longo do tempo e que traz consigo novas formas de adaptação. O divórcio é um dos factores que tem contribuído mais para essas transformações (Alexandre & Vieira, 2009). Em Portugal, segundo a Fundação Francisco Manuel dos Santos (2014), em 2012, a taxa de divórcio foi de 73.7%. No entanto, é importante ter em consideração que o divórcio dissolve o casamento, não a família, e por esse motivo, é necessária uma adaptação às novas circunstâncias (Yáñez- Yaben, 2010). Para a maioria das crianças, o divórcio dos pais é uma experiência que aumenta o risco de problemas ao longo da sua vida (Amato & Dorius, 2010).

1.2.1 Divórcio em Portugal

A sociedade portuguesa tem vindo a sofrer uma reorganização das relações de género e da vida familiar devido ao impacto que o trabalho profissional tem exercido. Tem-se assistido, a uma passagem de um modelo de organização familiar, centrada numa divisão dos papéis de género, para uma divisão mais simétrica em que ambos os cônjuges trabalham e contribuem para o rendimento familiar (Wall, Aboim & Cunha, 2010).

A partir do 25 de Abril, a família passa a ser representada como um espaço de igualdade e companheirismo entre os cônjuges e como um lugar de protecção à criança e onde lhe é concedida a participação em decisões que lhe digam respeito. O lugar do homem na família é então modificado, deixando de ser o chefe e provedor de família e passa a partilhar com a mulher funções de protecção e orientação dos membros da família (Wall, Aboim e Cunha, 2010). Com a revolução de Abril, assistiu-se ainda a uma alteração na condição da mulher devido à retoma da atividade profissional e esta emancipação da mulher é apontada por alguns autores como um aspecto fundamental para compreender a evolução da família e da sua estrutura (Ribeiro, Sampaio e Amaral, 1992; Torres, 1996). Ainda na década de 70 surgiu a possibilidade de dissolução de casamentos católicos e a reintrodução do divórcio por mútuo consentimento.

Nos anos 80-90 surge a preocupação pela proteção de ambos os pais e não apenas da mãe, sendo introduzidas alterações na regulação do poder paternal, passando a haver a possibilidade de os pais optarem por exercer o poder paternal em conjunto. Privilegia-se ainda o reconhecimento dos interesses da criança, sobretudo o de manter uma relação próxima com o progenitor que não detém a guarda (Wall, Aboim & Cunha, 2010). Nas últimas décadas, as representações e práticas de parentalidade e paternidade de casais separados têm sofrido alterações em relação à divisão dos cuidados e educação da criança e sobretudo na residência alternada, que valoriza a implicação do pai no dia-a-dia da criança e a cooperação entre o pai e a mãe, contrastando com o modelo mais tradicional (Wall, Aboim & Cunha, 2010).

Antigamente o divórcio era visto como uma sanção, no entanto, atualmente é encarado, pelo sistema legislativo que tem vindo a adoptar uma abordagem mais humana, como uma solução. Assim, o sistema legislativo privilegia o divórcio por mútuo consentimento, que com o tempo se tem vindo a tornar mais recorrente do que o divórcio litigioso (Ribeiro, Sampaio & Amaral, 1992). O divórcio litigioso caracteriza-se por ser requerido por um dos cônjuges, contra o outro, e tem de ter necessariamente uma causa subjacente que, tem de ser revelada. O divórcio por mútuo consentimento, pode ser requerido ao tribunal por ambos os cônjuges, em comum acordo e não exige a revelação de uma causa. As causas podem ser subjetivas, quando existe violação culposa dos deveres conjugais, ou objectivas, quando refere à ruptura da vida em comum (Ribeiro, Sampaio & Amaral, 1992).

Na maioria das vezes o divórcio ou a separação conjugal é devida a problemas que trazem consigo desentendimentos entre o casal. Os casais que têm um alto nível de conflito no casamento procuram o divórcio por se sentirem infelizes na relação, raramente se envolvem em atividades positivas com o cônjuge e também pelos desentendimentos frequentes (Amato & Hohmann- Marriott, 2007).

Villas Boas e Bolsoni- Silva (2009) referem que, ao avaliar a relação com o ex-cônjuge, aquilo que as mães relatavam mais frequentemente era o conflito existente devido, sobretudo, a aspectos financeiros, ao suporte escasso que o pai prestava à família e à educação dos filhos. Quando um casal se separa depara-se com problemas de ordem prática, económica e afectiva mas sobretudo problemas de ordem emocional. No cerne da maioria dos litígios encontram-se problemas financeiros, no entanto, Ribeiro, Sampaio e Amaral (1992),

sublinham que por detrás destes existe um outro problema de ordem afectiva, que se prende com o amor próprio e a conservação da autoestima.

Estudos realizados na década de 70 relatavam, maioritariamente, os efeitos negativos do divórcio sobre as crianças, sublinhando que esta experiência traria um maior risco para desenvolverem problemas psicológicos, sociais, académicos e comportamentais, quando comparadas com crianças de famílias intactas (Hetherington, 1989). No entanto, outros estudos apresentam uma visão contraditória, sugerindo que a separação pode ser uma solução positiva para a família quando a relação entre o casal é muito conflituosa (Martinez & Forgatch, 2002). O divórcio é uma experiência stressante para a maioria dos casais e, como tal, pôr fim a um casamento conturbado é seguido de melhorias no bem-estar dos cônjuges. (Amato & Dorius, 2010).

Amato e Hohmann- Marriott (2007) encontraram evidências de que, homens e mulheres em casamentos conflituosos relatavam que após o divórcio sentiam melhorias em relação à felicidade, ao passo que, aqueles em que o casamento não era conturbado descreviam um decréscimo de felicidade. Ao que parece, os sujeitos cujo casamento era conflituoso sentiram alívio ao sair desse ambiente adverso, ao invés dos indivíduos que não tinham um casamento tão difícil e que podem ter subestimado a dificuldade de atravessar um divórcio e passar a um estilo de vida de solteiro. Moura e Matos (2008) consideram um erro encarar o divórcio sempre de um ponto de vista negativo, uma vez que, esta atitude pode ser protetora para os filhos, retirando-os de um ambiente de atrito e conflito, tornando a dinâmica familiar mais funcional e equilibrada.

Diversos autores referem que, factores como o conflito parental; a alteração da dinâmica relacional e diminuição da frequência de contacto com os pais; as mudanças nas condições económicas e hábitos e rotinas da família e a alteração de práticas parentais, são possíveis factores associados a problemas apresentados por parte das crianças e adolescentes provenientes de famílias divorciadas. Deste modo, não é a situação de divórcio por si só, mas sobretudo o conflito interparental frequente e intenso, que tem sido associado à grande variabilidade de problemas nas crianças e adolescentes prejudicando o seu funcionamento psicológico e a dinâmica relacional com as figuras parentais (Cummings & Davies 2002; Emery, 1982; Woodward et al., 2000; Grynych, Raynor & Fosco, 2004). Aquando dos conflitos entre os cônjuges, devido ao divórcio, à separação ou ao desentendimento a cerca

das responsabilidades parentais, as crianças são muitas vezes esquecidas, utilizadas, não sendo ouvidas nem consultadas. Não obstante, é importante considerar que se este período de ruptura não for bem explicado à criança pode ter consequências na sua personalidade, uma vez que, é um momento de medo, confusão, insegurança, depressão ou agressividade (Ribeiro, Sampaio & Amaral, 1992).

Hetherington, Bridges e Insabella (1998) referem ainda que a frequência de conflito, por si só, pode não ser tão prejudicial quanto o tipo de conflito. Deste modo, o tipo de conflito mais prejudicial para a criança é aquele em que esta se vê no meio dos desentendimentos entre os pais, que lhe exigem lealdade ou a utilizam como forma de comunicação entre eles. As crianças podem ser vítimas do conflito dos seus pais, na medida em que têm de lidar com as consequências que advém das divergências e da deterioração da relação entre eles. Assim, o ambiente conflituoso pode ter um impacto negativo, podendo ser um obstáculo à sua adaptação ou repercutir-se de forma nociva ao longo da sua vida. Apesar de nem sempre haver psicopatologias associadas, isto não representa que as crianças não tenham sofrimento psicológico (Sarrazin & Cry, 2007).

Quando o divórcio, ou a relação conjugal dos pais está “angustiada/ stressada”, os filhos frequentemente relatam que se sentem emocionalmente distantes dos pais. Os autores concluíram que, no caso do divórcio, há uma maior probabilidade de haver um padrão incongruente na proximidade entre pais e filhos (Sobolewski & Amato, 2007). Segundo o que foi referido pelas próprias crianças e os seus pais, as crianças expostas a relações interparentais hostis tendem a ter menor bem-estar emocional do que aquelas cujos pais não têm uma relação hostil (Baxter, Weston & Qu 2011).

Jekielek (1998) concluiu que crianças que foram expostas a um alto conflito parental, em que os pais se divorciaram há já algum tempo, têm níveis mais baixos de angústia do que as que viveram o divórcio dos pais há menos tempo. No entanto, ressalvam ainda que crianças expostas a alto conflito familiar, podem beneficiar com a separação dos pais, independentemente do tempo que tenha passado, pois são retiradas de uma situação stressante.

O processo de divórcio, na grande maioria das vezes, acarreta stress para os cônjuges e, por este motivo, por vezes, estes não estão tão disponíveis para responder de forma adequada às necessidades de segurança dos seus filhos. Para além disso, o divórcio envolve,

para a criança, separações e perda de acesso, sobretudo, ao progenitor que não detém a custódia (Page & Bretherton, 2001). Muitas vezes, é o pai quem fica sem a custódia, no entanto, Page e Bretherton (2001), encontraram evidências de que a presença paterna tem uma importância significativa para os filhos após o divórcio, quando constataram que os filhos tinham incluído os pais nas suas histórias tanto quanto estes o fizeram. Bowlby (1980) observou que crianças cujos pais se divorciam podem temer a perda ou a separação também do pai que ainda permanece junto dela.

Os filhos de famílias divorciadas mostram menor qualidade do laço emocional e ansiedade de separação com a figura paterna (Moura & Matos, 2008). Deste modo, podemos pensar que com o processo de divórcio a relação com a figura paterna parece ser a mais afectada (Moura & Matos, 2008), provavelmente porque o contacto entre pai e filho tende a ser menos frequente (Dunlop, Burns & Bermingham, 2001; Ozen, 2003).

O divórcio representa um grande desafio para a figura paterna, que continua a ser maioritariamente pais sem a custódia dos filhos. Alguns pais mantêm-se presentes e envolvidos na vida dos filhos após o divórcio, ao passo que, outros se afastam com alguma brevidade (Amato & Dorius, 2010). No entanto, nas últimas décadas, tem-se assistido a uma maior cooperação paterna após a dissolução conjugal (Sobolewski & Amato, 2007). O contacto entre pais divorciados e os seus filhos tem sido mais frequente e alguns estudos têm mostrado que um envolvimento mais frequente e positivo do pai não residente tem repercussões positivas, reduzindo problemas emocionais, comportamentais ou escolares dos seus filhos (Amato & Dorius, 2010).

Muitos estudiosos desta área reconhecem que o contacto com o pai não-residente deve ter na sua base, sobretudo, os interesses do pai, a capacidade e qualidade da relação pai-filho, sem perder de vista, a opinião das crianças. Para o pai não residente, tornar-se um “visitante” na vida do filho pode prejudicar a sua capacidade de acompanhar certos domínios importantes na vida do seu filho, como por exemplo, cuidar, facilitar o seu desenvolvimento emocional e a participação escolar (Kelly 2007). Villas Boas e Bolsoni- Silva (2009) concluíram que, de um modo geral, o contacto entre pais e filhos era restrito e que esse tempo era maioritariamente dedicado a lazer, havendo menos possibilidade de exercer funções como a educação e disciplina dos filhos. Este era um dos grandes motivos de desentendimento entre os ex-cônjuges.

A custódia e o envolvimento do pai após o divórcio têm demonstrado exercer efeitos a longo prazo na relação entre pai e filho (Ahrns & Tanner, 2003). Alguns estudos têm demonstrado que, para os pais, domínios como o companheirismo, atividades de partilha e o desenvolvimento emocional podem ser menos afectadas pelo divórcio do que funções instrumentais como a disciplina, proteção e orientação escolar, uma vez que, estas últimas não podem ser realizadas desde fora de casa (Schwartz & Finley, 2005b). Uma possível razão será que tanto em famílias intactas como em famílias divorciadas os pais tendem a estar menos envolvidos em domínios expressivos do que em domínios instrumentais e como tal estes podem sofrer mais retaliações (Schwartz & Finley, 2006). No entanto, Whiteside e Becker (2000), através de uma meta-análise, concluíram que o tempo despendido entre os pais e as crianças e os resultados destas ao nível de comportamento agressivo, ansioso, aptidão social e cognitiva, eram mediados pela qualidade do envolvimento pai-filho.

O número de pais que vivem separados dos seus filhos continua a aumentar e por isso tem sido dada cada vez mais atenção ao tema do envolvimento do pai não residente, sobretudo, em relação à frequência de visitação, apoio financeiro e participação nas tomadas de decisão em relação aos filhos. Assim, tem sido sugerido que o divórcio compromete mais o papel do pai do que o da mãe (Braver, 1999; Leite & McKenry, 2002).

Kelly (1994) refere que apesar das mudanças sociais, que têm ocorrido nas últimas décadas, e que se refletem no funcionamento da família e nos cuidados parentais, no que toca à custódia física após o divórcio, esta continua a ser mais frequentemente entregue à mãe. No estudo de Sobolewski e Amato (2007), 85% dos filhos com pais divorciado relataram viver principalmente com a mãe e que o contacto pai-filho era modesto. Muitos pais não residentes tendem a agir mais como “visitante após o divórcio”.

Após o divórcio, são maioritariamente as mães que ficam detentoras da custódia e os pais tornam-se não residentes (Hetherington & Standley- Hagan, 1999). Esse estatuto de não residente tem tido repercussões na vida das crianças (Riggio, 2004; Schwartz & Finley, 2005a). Schwartz e Finley (2005b) revelaram que os filhos que residiram com os seus pais num dado momento após o divórcio, avaliaram o envolvimento de forma mais favorável do que aqueles que não residiram com os pais em momento algum após a separação, sendo por isso, prejudicial para a relação pai-filho. Ao comparar jovens adultos de famílias intactas, com jovens adultos de famílias divorciadas os autores encontraram evidências de que o divórcio

dos pais está associado com uma menor qualidade afectiva e apoio emocional nas relações com os pais (Riggio, 2004).

Dunlop, Burns e Bermingham (2001) consideram que o relacionamento pai-filho, do pai que detém a custódia, geralmente a mãe, parece ser menos afectado com o processo de divórcio. Não obstante, Woodward, Fergusson e Belsky, (2000) referem que a qualidade da relação com o pai residente também sofre um decréscimo devido à tensão vivida.

Após o divórcio, o nível de conflito e o nível de apoio entre o ex-casal tem influência na forma como essas famílias se reorganizam. Assim, altos níveis de conflito e pouca cooperação, tende a dificultar o contacto entre pai e filho, sobretudo, dificulta o envolvimento do pai, ao passo que, um baixo nível de conflito e alto nível de apoio facilitou o envolvimento permanente do pai na vida das crianças (Ahrons & Miller, 1993). Os autores acrescentam ainda que, a relação entre o ex-casal tem um impacto maior nas responsabilidades parentais dos pais do que na quantidade de contacto que têm com os seus filhos. Também Moura e Matos (2008), referem que o conflito interparental é um factor que interfere na dinâmica relacional da díade parental e sobretudo na qualidade da relação entre pais e filhos. A partir dos resultados que obtiveram, constataram que a relação entre os jovens e a figura paterna era a mais afectada pelo processo de divórcio. Ahrons e Miller (1993) encontraram evidências que, na sua generalidade, suportavam a ideia de que a qualidade da relação do ex-casal teria impacto sobre o envolvimento paterno, no entanto, também referem que este envolvimento decairia após o primeiro ano após o divórcio.

Pruett et al. (2003) referem que o conflito dos pais é preditor do envolvimento do pai, uma vez que, quanto maior o conflito, menor o envolvimento paterno, estando também relacionado com uma visão menos positiva por parte da mãe face ao seu ex-cônjuge. De um modo geral, os pais tendem a considerar-se mais envolvidos do que as mães entendem que eles estão (Ahrons & Miller, 1993). A opinião da mãe acerca da qualidade da relação tem maior relevância no envolvimento e no contacto paterno do que a opinião do pai. Assim, em famílias divorciadas em que a mãe detém a custódia dos filhos, estas tendem a funcionar como *gatekeepers* e por isso controlam o nível de contacto e de envolvimento entre pai e filho (Ahrons & Miller, 1993).

McBride, Brown, Bost, Shin, Vayghn e Korth (2005) no seu estudo, obtiveram resultados que propõem que as mães podem influenciar a parentalidade, isto é, os níveis reais

de envolvimento do pai são moderados pela crença que a mãe tem acerca do papel do pai. Sugerem que, a mãe desempenha um papel central na regulação do envolvimento paterno, pois nos resultados que obtiveram, os autores referem que a percepção que o pai tinha de si enquanto pai só era positivamente relacionada com o contacto frequente quando a mãe acreditava que o pai devia estar envolvido. Assim, referem que as mães desempenham um papel de *gatekeeping* ao influenciar o envolvimento do pai.

Villas Boas e Bolsoni- Silva (2009) observaram que era a figura paterna quem mais procurava pela família, o que sugere, que as mães não tomavam iniciativa de entrar em contacto com o ex-cônjuge e estimular a aproximação. Para além disto, ressaltam ainda que algumas mães conversavam com os seus filhos a cerca do pai e o facto de destacarem aspectos mais negativos sobre os mesmos, poderiam acarretar para a criança sofrimento e sentimentos de tristeza. Sobretudo, em casos em que as crianças têm pouco contacto com os seus pais, a referência será o que as mães reportam e isto pode trazer algumas dificuldades para a relação entre pai e filho (Villas Boas & Bolsoni- Silva, 2009).

A relação com a figura paterna após o divórcio é de grande relevância para a criança, Schwartz e Finley (2005a), realizaram um estudo com uma população de jovens adultos de famílias intactas e de famílias divorciadas. Procuraram investigar se a etnia seria moderadora dos efeitos do divórcio. Concluíram que certos domínios da paternidade podem ser mais afectados pelo divórcio do que outros, assim, os filhos de famílias divorciadas relataram maiores níveis de desejo de envolvimento do pai do que filhos de famílias intactas, não havendo, diferenças por etnias.

Em suma, quando após o divórcio, os ex- cônjuges mantêm uma relação de cooperação e dividem as responsabilidades na educação dos filhos, há a possibilidade de um contacto mais frequente entre pai e filho, permitindo uma maior qualidade na relação e uma maior presença da figura paterna na vida da criança (Sobolewski & King, 2005a).

1.3 Objetivo do estudo

De acordo com a revisão de literatura efectuada na presente investigação, surgiu a necessidade de procurar colmatar a falta de estudos sobre a forma como se processa o envolvimento paterno no caso de famílias divorciadas. Um dos factores apontados por Lamb

(1987) e Arendell (1996) como determinantes no nível de envolvimento do pai, são aspectos de ordem familiar, de que faz parte a relação conjugal, entre outras. Assim, procura-se com este estudo verificar se existem diferenças, ou não, ao nível do envolvimento paterno em casais divorciados.

2. METODOLOGIA

2.1 Participantes

Participaram neste estudo 185 casais divorciados, recrutados através dos seus filhos que frequentavam escolas do Distrito de Lisboa. As crianças tinham idades compreendidas entre 31 e 78 meses ($M=56,21$; $DP=10,32$) e passavam entre 4 a 12 horas na escola ($M= 7,84$; $D.P.= 1,424$). As mães participantes tinham em média 33 anos ($M= 32,59$ anos; $D.P.= 5,902$) e os pais tinham em média 36 anos ($M= 35,70$ anos; $D.P.=7,716$). As habilitações literárias das mães variavam entre os 4 e os 19 anos de escolaridade ($M= 11,44$ anos; $D.P.=3,862$), ao passo que, a dos pais variava entre 4 e 21 anos de escolaridade ($M= 10,33$ anos; $D.P.=3,963$).

2.2 Instrumentos

2.2.1 Questionário sociodemográfico da família

Foi elaborado um questionário sociodemográfico da família para que ambos os pais de cada aluno preenchessem. Este questionário incluía itens relacionados com a criança, que pretendiam aferir o género, a data de nascimento, data de entrada e as horas diárias que passa na creche, a posição na fratria e itens relacionados com os pais, como a idade dos pais, o estado civil, as habilitações literárias de ambos, se trabalha e quais as horas de trabalho semanal.

2.2.2 Escala de Envolvimento Parental: Atividades de cuidados e de socialização (Monteiro, Veríssimo & Pessoa e Costa, 2008)

A Escala de Envolvimento Parental: Atividades de Cuidados e de Socialização (Monteiro, Veríssimo & Pessoa e Costa, 2008) é uma reformulação do questionário de Monteiro, Veríssimo, Santos e Vaughn (2008), Crouter, Perry- Jenkins, Huston e McHale (1987), Hawng e Lamb (1997), na qual se procurou avaliar a forma como as mães e os pais dividem as tarefas de responsabilidade parental. Estas incluem quer o domínio dos cuidados (que remetem para os cuidados prestados às crianças) que o domínio da socialização (relacionadas com a organização e participação nos momentos de lazer e brincadeira).

O questionário é composto por 26 itens, que remetem, essencialmente, para cinco dimensões: *Cuidados Diretos* – itens 1, 2, 3, 4 e 6 (e.g., “quem dá banho ao seu filho” e “quem vai deitar o seu filho”); *Cuidados Indiretos* – itens 5, 7, 8, 23, 24, 25 e 26 (e.g., “quem é responsável pela ida ao médico do seu filho” e “quem leva e traz o seu filho à escola”); *Ensino e Disciplina* – itens 15, 16, 17, 18 e 19 (e.g., “quem ensina ao seu filho novas competências” e “quem faz cumprir as regras”); *Brincadeira* – itens 11, 12, 13, 14 e 22 (e.g., “quem brinca com o seu filho” e “quem lê histórias ao seu filho”); *Atividades de Lazer no exterior* – itens 9, 10, 20 e 21 (e.g., “quem leva o seu filho às festas de anos” e “quem leva o seu filho ao parque infantil”). As respostas deveriam ser dadas numa escala de cinco pontos - (1) sempre a mãe, (2) mais frequentemente a mãe, (3) tanto a mãe com o pai, (4) mais frequentemente o pai, (5) sempre o pai – e avaliadas numa perspectiva relativa, isto é, a participação é analisada por comparação com a outra figura parental. A escala foi preenchida de modo independente pela mãe e pelo pai.

2.3 Procedimento

O presente estudo integra o projeto de investigação longitudinal “O impacto do envolvimento paterno na dinâmica familiar e no desenvolvimento da criança”, desenvolvido pela Unidade de Investigação em Psicologia Cognitiva, do Desenvolvimento e da Educação (UIPCDE – Linha 1: Psicologia do Desenvolvimento), do ISPA-IU. Este projeto é financiado, em parte, pela F.C.T. (PIHM/GC/0008/2008) e pela Comissão para a Cidadania e Igualdade do Género.

As várias escolas foram contactadas previamente com o intuito de se explicar em que consistia o projeto e informar o tempo que seria necessário para a aplicação dos questionários. Num segundo momento, pediram-se autorizações às escolas e quando estas foram concedidas procedeu-se à entrega das autorizações aos pais dos alunos que iriam participar na investigação. Os dias de aplicação dos questionários foram planificados em conjunto com os diretores das turmas participantes.

Após todas estas etapas, procedeu-se à aplicação dos questionários aos alunos, que foram administrados em contexto de sala e aula e foi-lhes pedido que fizessem chegar o *Questionário sociodemográfico da família* e a *Escala de Envolvimento Parental: Atividades*

de cuidados e de socialização a ambos os pais. Nesta escala era pedido aos pais que a preenchem tendo em conta as suas vivências diárias com o seu filho (a quem tinha sido entregue a escala, e não aos irmãos). Foi garantida às crianças e aos pais a confidencialidade das suas respostas e foi-lhes pedido que respondessem com maior sinceridade possível.

3. RESULTADOS

As respostas maternas e paternas foram analisadas de modo independente, considerando as perspectivas de ambos em relação à partilha da responsabilidade parental nos cinco domínios. Inicialmente, procurou-se observar os valores de fiabilidade entre as respostas das mães e dos pais às cinco dimensões relativas ao envolvimento parental.

Os *Alphas* de *Cronbach* para as cinco dimensões apresentam valores aceitáveis de fiabilidade para ambos os pais como ilustra a Tabela 1. Como se pode observar na mesma tabela, as Médias das dimensões relacionadas com os Cuidados Diretos e Indiretos são mais frequentemente responsabilidade da mãe. Por outro lado, nas dimensões - Ensino/Disciplina, Brincadeira e atividades de Lazer no Exterior- verifica-se uma partilha.

Tabela 1 - Estatística descritiva e fiabilidade das respostas maternas e paternas quanto ao envolvimento parental

Dimensões	Média	Desvio-padrão	<i>Alpha</i> de <i>Cronbach</i>
Cuidados Diretos Maternos	2.21	.63	.78
Cuidados Diretos Paternos	2.43	.58	.72
Cuidados Indiretos Maternos	2.21	.53	.75
Cuidados Indiretos Paternos	2.40	.49	.69
Ensino/Disciplina Materna	2.66	.55	.85
Ensino/Disciplina Paterna	2.88	.39	.70
Brincadeira Materna	2.87	.57	.80
Brincadeira Paterna	3.05	.42	.65
Lazer no Exterior Materno	2.68	.60	.79
Lazer no Exterior Paterno	2.83	.48	.69

Variáveis Sociodemográficas Parentais

Realizou-se um Coeficiente de Correlação de *Pearson* para procurar saber se as medidas sociodemográficas estavam relacionadas com o envolvimento nas diferentes dimensões. Foi encontrada uma correlação positiva e significativa entre as habilitações literárias paternas e a dimensão dos Cuidados Indiretos maternos ($r=0.15$; $p < 0.05$). Esta correlação, embora fraca, indica que, na opinião materna, quanto maiores as habilitações literárias do pai, maior o seu envolvimento nos Cuidados Indiretos.

Não se verificou a existência de mais correlações significativas entre as restantes medidas sociodemográficas (habilitações literárias da mãe, idade da mãe e idade do pai) e qualquer uma das dimensões da escala envolvimento parental.

Diferenças de género

As Médias e os Desvio-padrão para cada tipo de atividade, em função do género da criança, são apresentados na Tabela 2. Com base no teste ANOVA para amostras independentes, constatou-se que apenas existem diferenças significativas ($F(1,215) = 6.014$; $<.05$) entre o Ensino/Disciplina materna e o género. Deste modo, é possível concluir que, na opinião materna, os pais têm um envolvimento maior, na dimensão Ensino/Disciplina, com os rapazes.

Tabela 2- Média e desvio-padrão das respostas maternas e paternas quanto ao envolvimento do pai em função do gênero dos filhos

Dimensões		Média		Desvio-Padrão	
		Raparigas	Rapazes	Raparigas	Rapazes
Cuidados Diretos	Materno	2.16	2.31	.64	.58
	Paterno	2.40	2.43	.59	.58
Cuidados Indiretos	Maternos	2.21	2.23	.51	.56
	Paternos	2.39	2.37	.49	.58
Ensino/Disciplina	Materna	2.70	2.84	.47	.38
	Paterna	2.89	2.92	.34	.38
Brincadeira	Materna	2.88	2.95	.47	.45
	Paterna	3.00	3.08	.36	.48
Lazer no Exterior	Materno	2.60	2.68	.58	.56
	Paterno	2.72	2.76	.48	.55

Concordância entre os casais divorciados face às diferentes dimensões do envolvimento

Realizou-se um Coeficiente de Correlação de *Pearson* para compreender qual a concordância materna e paterna em relação às diferentes dimensões do envolvimento. Como é possível observar na Tabela 3, existe uma elevada consonância nas opiniões de pai e mãe, sendo que, onde menos concordam é na dimensão Ensino/Disciplina.

Tabela 3 – Tabela de correlação entre os casais divorciados

		Mãe				
		Cuidados Diretos	Cuidados Indiretos	Ensino/Disciplina	Brincadeira	Lazer
Pai	Cuidados Diretos	.778**	.360**	.252**	.284**	.343**
	Cuidados Indiretos	.291**	.824**	.049	.103	.492**
	Ensino/Disciplina	.327**	.234**	.572**	.191**	.154*
	Brincadeira	.354**	.193**	.186*	.671**	.288**
	Lazer no Exterior	.255**	.437**	-.005	.287**	.795**

Nota. * Valores significativos para $p < 0.05$; ** Valores significativos para $p < 0.01$.

4. DISCUSSÃO

Tem sido notória uma redução da discussão do lugar do homem na família à questão da paternidade devido, em grande parte, à crescente preocupação em torno do “pai ausente” em contexto de separação ou de divórcio (Wall, Aboim & Cunha, 2010) como tal, tornou-se pertinente a realização deste estudo.

Pretendia-se, como principal objectivo da presente análise, verificar se em casais divorciados se evidenciam diferenças ao nível do envolvimento paterno, ou não. Observou-se que o envolvimento dos pais varia consoante o tipo de atividade (e.g., Bailey, 1994; Deutsch, 2001; Levy-Shiff & Israelashvili, 1988).

De acordo com a opinião geral dos casais amostrados, de entre as cinco dimensões consideradas, as responsabilidades nas áreas dos Cuidados Diretos e Indiretos são mais frequentemente assumidas pelas mães. No entanto, isso não se verifica nos restantes domínios - Ensino/Disciplina, Brincadeira e Lazer no Exterior - onde os pais assumem um maior envolvimento e se evidencia uma partilha na participação.

Os resultados obtidos corroboram as conclusões de outros estudos portugueses como Monteiro et al. (2006) e Monteiro et al. (2008) que identificaram a existência de diferentes padrões de participação paterna consoante o tipo de atividade, uma vez que, como evidenciado anteriormente, as tarefas relacionadas com organização/cuidados eram maioritariamente desempenhadas pelas mães, ao passo que, as atividades de brincadeira/lazer eram partilhadas por ambos os pais. Estes resultados também se evidenciam em amostras como por exemplo Bailey (1994) e Peitz et al. (2001 cit. por Monteiro e Veríssimo, 2010).

Na sociedade ocidental parece estar ainda enraizada a ideia de que culturalmente a mulher é a primeira prestadora de cuidados e o pai é visto como companheiro de brincadeira ou uma figura alternativa que apenas intervém quando necessário (Deutsch, 2001; Lamb, 2010; Monteiro et al., 2008; Torres, 2004). As funções de responsabilidade são culturalmente associadas à mãe (e.g., Beitel & Park, 1998; Monteiro et al., 2010) e esse pode ser o motivo para que, tal como destacado por Monteiro et al. (2010), a partilha observada em relação atividades relacionadas com a socialização da criança, como o Ensino/Disciplina, Brincadeira

e Lazer no Exterior, é muitas vezes desejada pelas mães, contrariamente às tarefas de cuidados em que esse desejo materno já não é visível, sobretudo nos Cuidados Indiretos.

Também podemos pensar que adicionalmente existe alguma pressão social em torno desta questão, dado que, parece haver uma maior expectativa a nível profissional em relação ao homem, retirando-lhe exigência nos cuidados prestados aos filhos, enquanto que, em relação à mulher, se criam menores expectativas no seu desempenho a nível profissional pois é socialmente aceite que esta seja a responsável pela família (Torres, 2004).

Estes resultados são alusivos de uma possível oscilação entre uma participação mais tradicional ao nível dos cuidados, com uma maior diferenciação com base no género, e uma partilha no que concerne às atividades de socialização. Assim, os resultados obtidos parecem sugerir que apesar das crenças acerca da partilha dos papéis parentais, na prática, estas alterações ainda se afiguram morosas, permanecendo um padrão assente no género (Lamb & Tamis- LeMonda, 2004; Monteiro et al., 2008; Pleck & Masciadrelli, 2004).

Não obstante, é importante referir, que apesar de ainda se evidenciar esta divisão tradicional em relação às tarefas de cuidados, a participação dos pais nas mesmas não é inexistente. É ainda de sublinhar que a presença ativa do pai sobretudo nas tarefas de socialização e a sua presença mais discreta nos cuidados à criança permitem subentender que o seu envolvimento emocional não está posto em causa.

Os Cuidados Indiretos englobam a organização ou planeamento de atividades com a criança mas não exigem a sua presença. Este tipo de cuidados, como referido anteriormente, ainda são maioritariamente assegurados pela mãe, cabendo ao pai uma função de suporte (Lamb & Tamis- LeMonda, 2004; Monteiro et al., 2008; Pleck & Masciadrelli, 2004). Não obstante, ao analisar as variáveis sociodemográficas do presente trabalho de investigação, apenas foi encontrada uma correlação positiva e significativa entre as habilitações literárias dos pais e a dimensão de Cuidados Indiretos maternos, isto é, segundo as mães, quanto maiores as habilitações literárias do pai, maior o seu envolvimento nos Cuidados Indiretos.

Os resultados obtidos vão de encontro ao que estudos anteriores preconizaram, concluindo que com o aumento do grau de escolaridade dos pais, o seu nível de participação nos Cuidados Indiretos também aumenta (Monteiro et al., 2006; Torres, 2004). Podemos considerar que estes resultados podem ser indicadores de menor rigidez em relação aos papéis

de género por parte dos pais com maiores habilitações literárias, que não atribuem uma conotação pouco masculina às tarefas de Cuidados Indiretos (Monteiro et al., 2006). Por outro lado, é também plausível considerar que em algumas profissões que os pais com habilitações literárias superiores exercem tenham uma maior flexibilidade de horários, que lhes pode permitir uma melhor conciliação entre os contextos família e trabalho (Monteiro et al., 2006).

Após o divórcio, na grande maioria das vezes, são mães que ficam detentoras da custódia dos filhos e cabe aos pais tornar-se não residentes (Hetherington & Standley-Hagan, 1999). É possível que pais com maiores habilitações literárias sejam melhor remunerados e tenham, por isso, mais capacidade de deslocação geográfica para se envolverem mais nos cuidados indiretos, visto que, estes não dependem das necessidades momentâneas da criança (Monteiro et al., 2010), o que lhes permite, apesar de não residentes, uma maior participação.

Refletindo acerca dos resultados supracitados, e analisando por outro prisma, sendo as tarefas de cuidados, tarefas de responsabilidade acrescida para com a criança, talvez estes resultados evidenciem que, em casais divorciados, as mães tendem a crer que maiores habilitações literárias paternas, são acompanhadas de maior responsabilidade e como tal, estão mais disponíveis para permitir ao pai um maior envolvimento neste tipo de tarefas. Esta reflexão permite ir um pouco mais longe e considerar que muitas vezes em famílias divorciadas, sobretudo nos casos em que as mães detêm a custódia, estas agem como *gatekeepers* (Ahrons & Miller, 1993; McBride et al., 2005; Schoppe-Sullivan, Brown, Cannon, Mangelsdorf, & Sokolowski, 2008) e deste modo, são elas que definem e restringem a participação e os papéis desempenhados pelos pais no contexto familiar. Assim, pode-se colocar a hipótese de que, quando divorciados, os pais com maiores habilitações literárias, estão mais envolvidos em Cuidados Indiretos com as crianças porque as mães assim o permitem, avaliando possivelmente a sua responsabilidade com base nessas habilitações.

Na presente análise não foram encontradas mais correlações significativas no que toca às restantes variáveis sociodemográficas estudadas (habilitações literárias da mãe, idade da mãe e idade do pai), não obstante, não deixa de ser importante refletir acerca deste facto. Deste modo, podemos aferir que, nesta amostra, as habilitações literárias da mãe, a idade do pai e a idade da mãe não são dimensões que permitam explicar o maior ou menor envolvimento do pai quando se trata de casais divorciados. Não obstante, na revisão de literatura realizada, tornou-se claro que em alguns estudos com famílias intactas estas

dimensões demonstraram poder estar correlacionadas com a participação paterna. Assim, segundo Monteiro et al. (2006) a idade do pai não tem implicações no seu envolvimento, no entanto, outros estudos encontraram evidências que sugerem que essa relação existe (Lima, 2008; McBride et al., 2005; Monteiro, 2010). Lewis & Lamb (2003) reforçam que em famílias biparentais o envolvimento do pai varia consoante a situação profissional da mãe, contrariamente a Laflamme, Pomerleau e Malciut (2002) que sugerem que o emprego materno não tem impacto na forma como o pai e a mãe percebem a partilha parental.

O facto de não terem sido encontradas correlações entre as diferentes dimensões do envolvimento e as habilitações literárias maternas e as idades de ambos os progenitores vai de encontro à literatura analisada, visto que, em casais divorciados são factores como o conflito entre os ex-cônjuges, antes e após o divórcio (e.g., Cummings & Davies, 2002; Hetherington, Bridges & Insabella, 1998; Pruett et al., 2003) e as condições financeiras ou estatuto socioeconómico (e.g., Amato & Sobolewski, 2004) que têm sido evidenciados como maiores preditores do nível contacto e envolvimento do pai com os seus filhos em casos de divórcio. Assim, segundo os resultados do presente estudo, estas variáveis sociodemográficas não explicam o envolvimento do pai em casais divorciados, tanto como, alguns autores sugerem que podem influenciar o envolvimento paterno em famílias intactas.

Considerando os resultados acerca do envolvimento em função do género, constatou-se que na opinião materna essas diferenças existem (Arendell, 1996). Na literatura tem sido evidenciado que os pais têm maior tendência a despender mais tempo com os filhos do que com as filhas (Easterbrooks & Golberg, 1984; Grossman et al., 1988). Levy- Shiff e Israelashvili (1988) referem que esse facto se evidencia sobretudo em atividades lúdicas e Hetherington (2003) sugere que os pais não residentes têm um contacto mais regular com os filhos do que com as filhas. Na presente investigação o maior envolvimento do pai com os filhos rapazes é sobretudo, segundo as mães, em relação à dimensão de Ensino/ Disciplina. Este facto talvez esteja associado a uma visão de um pai mais tradicionalista, em que o maior envolvimento e partilha estão relacionados com uma representação de um pai mais autoritário e disciplinador e menos envolvido emocionalmente (Balacho, 2004). Por outro lado, pode remeter para uma ideia mais ligada à masculinidade, visto que, através do Ensino/Disciplina o pai pode querer exercer de modelo ao filho.

Constatou-se uma elevada consonância entre as opiniões de pais e mães em relação às dimensões do envolvimento estudadas na presente investigação. No entanto, foi visível uma menor concordância no que respeita à dimensão de Ensino/ Disciplina. Esta dimensão está relacionada com tarefas como, quem ensina novas competências ao filho ou por exemplo, quem o faz cumprir regras. Assim, tendo em conta que a amostra foi constituída por pais e mães divorciados e que estes se encontram em residências diferentes, esse facto pode interferir no envolvimento das tarefas que correspondem a esta dimensão. Segundo a literatura revista, muitas vezes são as mães que ficam com a custódia dos filhos (Hetherington & Standley- Hagan, 1999; Kelly, 1994; Sobolewski & Amato, 2007) e por esse motivo, torna-se difícil para o pai estar mais ativamente envolvido nestas tarefas, uma vez que, o contacto do pai com os filhos, em casos de divórcio, tende a ser restrito e como tal, maioritariamente é dedicado ao lazer, descurando funções como a educação e a disciplina (Villas Boas & Bolsoni- Silva, 2009). Schwartz e Finley (2005b) reforçam ainda que funções instrumentais como a disciplina, a proteção e a orientação escolar podem ser mais afectadas pelo divórcio por não serem plausíveis de realizar desde fora de casa.

Como referido anteriormente verificou-se maioritariamente uma concordância dos ex-cônjuges, o que parece contrariar Ahrons e Miller (1993) que preconizavam uma maior tendência para os pais se perceberem como mais envolvidos do que aquilo que as mães entendiam que eles estavam. Estes resultados podem inclusive espelhar uma boa relação entre o ex-casal, visto que, quando é vigente uma relação conflituosa, esta tem repercussões no envolvimento do pai, sendo que, quanto maior o conflito, menor este envolvimento (Pruett et al., 2003). Deste modo, os resultados da presente análise parecem refletir uma maior cooperação paterna após a dissolução conjugal (Sobolewski & Amaro, 2007) evidenciando uma divisão de responsabilidades entre os pais, permitindo possivelmente uma maior qualidade e presença do pai na vida dos seus filhos (Sobolewski & King, 2005a).

Ao longo da elaboração do presente trabalho de investigação foram surgindo factos e limitações que levaram a que alguns aspectos ficassem menos claros, como tal, num estudo futuro seria importante recolher informações acerca de qual o tipo de divórcio, litigioso ou por mútuo consentimento, e qual dos progenitores detém a guarda do(s) filho(s).

Consideramos que seria muito importante futuramente estudar este tema tendo em linha de conta o nível de conflito experienciado pelo ex-casal, antes e após a separação, assim como

obter dados acerca do estatuto socioeconómico e características psicológicas dos pais (e.g., Amato & Sobolewski, 2004; Amato & Dorius, 2010).

Outra das situações que se tornou evidente foi a lacuna acerca da modalidade de coparentalidade no pós-divórcio, uma vez que, esta pode ser mais paritária e pautada por uma divisão rotativa, ou seguir um modelo mais tradicional, de parentalidade separada (Arendell, 1996; Wall, Aboim & Cunha, 2010).

Em jeito de conclusão, não obstante as limitações desta investigação, pensa-se que este trabalho levantou questões pertinentes para que futuros estudos possam tê-las em linha de conta para um maior aprofundamento desta temática.

5. REFERÊNCIAS

- Ahrons, C., & Miller, R. (1993). The effect of the postdivorce relationship on paternal involvement: A longitudinal analysis. *American Orthopsychiatric Association*, 63(3).
- Ahrons, C. R., & Tanner, J. L. (2003). Adult children and their fathers: Relationship changes 20 years after parental divorce. *Family Relations*, 52, 340–351.
- Alexandre, D., & Vieira, M. (2009). A influência da guarda exclusiva e compartilhada no relacionamento entre pais e filhos. *Psicologia em Pesquisa*, 3(02), 52-65.
- Amato, P. R., & Dorius, C. (2010). Fathers, Children, and Divorce. In M.E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (5th ed. pp. 177- 200). Hoboken, NJ: Wiley.
- Amato, P.R., & Hohmann- Marriott, B. (2007). A comparison of high and low- distress marriages that end in divorce. *Journal of Marriage and Family*, 69, 621- 638.
- Amato, P.R., & Sobolewski, J.M. (2004). The effects of divorce on fathers and children. Nonresidential fathers and stepfathers. In M.E. Lamb (Ed.) *The role of the Father in Child Development* (pp.341-267). Hoboken. N.S: John Wiley and Sons.
- Arendell, T. (1996). Co-parenting: A review of the literature. National Center on fathers and Families, 1-5. Retirado (2014) de, <http://www.ncoff.gse.upenn.edu/content/co-parenting-review-literature>.
- Bailey, W. T. (1994). A longitudinal study of father's involvement with young children: Infancy to age 5 years old. *Journal of Genetic Psychology*, 155, 331-339.
- Balancho, L. S. (2004). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, 22 (2), 337-386.

- Baxter, J., Weston, R., & Qu, L. (2011). Family structure, co-parental relationship quality, post-separation paternal involvement and children's emotional wellbeing. *Journal of Family Studies, 17*, 86- 109.
- Beitel, A. H., & Parke, R. D. (1998). Paternal involvement in infancy: The role of maternal and paternal attitudes. *Journal of Family Psychology, 12* (2), 268-288.
- Bonino, L. (2003). Las nuevas paternidades. *Cuadernos de trabajo social, 16*, 171-182.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss: Vol. III. Loss: Sadness and depression*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (2002). *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes (4.^a ed.).
- Braver, S. L. (1999). The gender gap in standard of living after divorce: Vanishingly small? *Family Law Quarterly, 33*, 111–134.
- Brout, J., Lepotsky, D., Silverstein, L., & Auerback, C. (2010). Of marmosets and men: Triplet families as an ecological context that generates high father involvement. *Fathering, 8*, 37-60.
- Brown, G. L., McBride, B. A., Shin, N., & Bost, K. (2007) Parenting predictors of father-child attachment security: Interactive effects of father involvement and fathering quality. *Fathering, 5*, 197-219.
- Cabrera, N. (2010). Father involvement and public policies. In M.E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (pp. 517-550). New Jersey: John Wiley & Sons Inc.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development, 71*, 127-136.

- Cummings, E. M., & Davies, P. (2002). Effects of marital conflict on children: Recent advances and emerging themes in process-oriented research. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, *43*, 31-63.
- Deutsch, F. M. (2001). Equally shared parenting. *American Psychological Society*, *10*, 25-28.
- Dunlop, R., Burns, A., & Bermingham, S. (2001). Parent-child relations and adolescent self-image following divorce: A 10 year study. *Journal of Youth and Adolescence*, *30*, 117-134.
- Dunn, J. (2005). Daddy doesn't live here any more. *The Psychologist*, *18* (1), 28-31.
- Easterbrooks & Goldberg, W.A. (1984). Toddler development in the family : impact of father involvement and parenting characteristics. *Child development*, *55*, 740-752.
- Emery, R. E. (1982). Interparental conflict and the children of discord and divorce. *Psychological Bulletin*, *92*, 310-330.
- Grossman, F. K., Pollack, W. S., & Golding, E. (1988). Fathers and children: Predicting the quality and quantity of fathering. *Developmental Psychology*, *24* (1) 82-91.
- Grych, J. H., Raynor, S. R., & Fosco, G. M. (2004). Family processes that shape the impact of interparental conflict on adolescents. *Development and Psychopathology*, *16*, 649-665.
- Hetherington, E. M. (1989). Marital transitions: A child's perspective. *American Psychologist*, *2*, 303-312.
- Hetherington, E. M., Bridges, M., & Insabella, G. M. (1998). What matters? What does not?: Five perspectives on the association between marital transitions and children's adjustment. *American Psychologist*, *53* (2), 167-184.

- Hetherington, E. M., & Stanley-Hagan, M. (1999). The adjustment of children with divorced parents: A risk and resiliency perspective. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 40, 129-140.
- Hwang, C. P., & Lamb, M. (2002). Father involvement in Sweden: A longitudinal study of its stability and correlates. *International Journal of Developmental Psychology*, 32, 391-416.
- Instituto Nacional de Estatística (2013). *Estatísticas do Emprego 2013*. Retirado (2014) de <http://www.ine.pt>.
- Jain, A., Belsky, J., & Crnic, K. (1996). Beyond fathering behaviors: types of dads. *Journal of Family Psychology*, 10 (4), 431-442.
- Jekielek, S. M. (1997). Parental conflict, marital disruption and children's emotional well-being. *Social Forces*, 76 (3), 905-936.
- Kelly, J. B. (1994). "The Determination of Child Custody." *Future of Children*, 4,121-42.
- Kelly, J. B. (2007). Children's living arrangements following separation and divorce: Insights from empirical and clinical research. *Family Process*, 46, 35-52.
- Laflamme, D., Pomerleau, A., & Malcuit, G. (2002). A comparison of fathers' and mothers' involvement in childcare and stimulation behaviors during free-play with their infants at 9 and 15 months. *Sex Roles*, 47, 507-518.
- Lamb, M. E. (1987). Introduction: The emergent American father. In M. E. Lamb (Ed.), *The father's role: Crosscultural perspectives* (pp. 3-26). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Lamb, M. E. (Ed.). (2004). *The role of the father in child development*. Hoboken, NJ: John Wiley and Sons.

- Lamb, M. (2010). *The role of the father in child development* (5th ed). New Jersey: John Wiley and Sons.
- Lamb, M. E., Frodi, M., Hwang, C., & Frodi, A. (1983). Effects of paternal involvement for mothers and fathers. *Child Development*, *54*, 450-458.
- Lamb, M. E., & Lewis, C. (2004). The development and significance of father-child relationships in two-parent families. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (pp. 272-306). Hoboken, NJ: John Wiley and Sons.
- Lamb, M., Pleck, J., Charnov, E., & Levine (1985). Paternal behaviour in humans. *American Zoologist*, *25*, 883-894.
- Lamb, M.E., Pleck, J.H., Charnov, E.L., & Levine, J.A. (1987). A biosocial perspective on paternal behavior and involvement. In J. Lancaster, J. Altmann, A. Rossi, & L. Sherrod (Eds.), *Parenting across the lifespan: Biosocial dimensions* (pp. 111-142). New York: Aldine de Gruyter.
- Lamb, M. E., & Tamis-LeMonda, C. S. (2004). The role of the father: An introduction. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (pp. 1-31). Hoboken, NJ: John Wiley and Sons.
- Leite, R.W., & McKenry, P. C. (2002). Aspects of father status and postdivorce father involvement with children. *Journal of Family Issues*, *23*, 601–623.
- Levy-Shiff, R., & Israelashvili, R. (1988). Antecedents of fathering: Some further exploration. *Developmental Psychology*, *24*, 434-440.
- Lewis, C., & Lamb, M. E. (2003). Fathers' influences on children's development: The evidence from twoparents families. *European Journal of Psychology of Education*, *18* (2), 211-228.

- Lima, J. (2008). O tempo e forma de envolvimento do pai em tarefas de socialização dos filhos em idade pré-escolar. In P. Martins, *Infâncias possíveis, mundos reais*, 1-15.
- Manlove, E. E., & Vernon-Feagans, L. (2002). Caring for infant daughters and sons in dual-earner households: maternal reports of father involvement in weekday time and tasks. *Infant and Child Development*, *11*, 305-320.
- Martinez, C. R., Jr., & Forgatch, M. S. (2002). Adjusting to change: Linking family structure transitions with parenting and child adjustment. *Journal of Family Psychology*, *16* (2), 107-117.
- McBride, B. A., Brown, G. L., Bost, K. K., Shin, N., Vaughn, B., & Korth, B. (2005). Paternal identity, maternal gatekeeping, and father involvement. *Family Relations*, *54*, 360-372.
- Monteiro, L., Fernandes, M., Veríssimo, M., Pessoa e Costa, I., Torres, N., & Vaughn, B.-E. (2010). Perspectiva do pai acerca do seu envolvimento em famílias bi-parentais. Associações com o que é desejado pela mãe e com as características da criança. *Interamerican Journal of Psychology*, *44* (1), 1-11.
- Monteiro, L., & Veríssimo, M. (2010). *Análise do fenómeno de base segura em contexto familiar: a especificidade das relações criança/mãe e criança/pai*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Castro, R., & Oliveira, C. (2006). Partilha da responsabilidade parental. Realidade ou expectativa? *Psychologica*, *42*, 213-229.
- Monteiro, L., Veríssimo, M. & Pessoa e Costa, I. (2008). Escala Envolvimento Parental: Actividades de Cuidados e de Socialização. Manual não publicado, ISPA.

- Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A. J., & Vaughn, B. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica*, 26 (3), 395-409.
- Moura, O., & Matos, P. (2008). Vinculação aos pais, divórcio e conflito inter-parental em adolescentes. *Psicologia*. 22 (1), 127- 152.
- Ozen, D. S. (2003). The impact of interparental divorce on adult attachment styles and perceived parenting styles of adolescents: Study in Turkey. *Journal of Divorce & Remarriage*, 40, 129-149.
- Page, T., & Bretherton, I. (2001). Mother– and father–child attachment themes in the story completions of pre-schoolers from post-divorce families: do they predict relationships with peers and teachers? *Attachment & Human Development*, 3, 1-29.
- Parke, R. (1995). ‘Fathers and families’, In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting* (pp. 27-63). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Pimenta, M., Veríssimo, M., Monteiro, L., & Pessoa e Costa, I. (2010). O envolvimento paterno de crianças a frequentar o jardim-de-infância. *Análise Psicológica*, 28 (4), 565-580.
- Pleck, J.H. & Masciadrelli, B.P. (2004). Paternal Involvement by U.S. Residential fathers. Levels, sources and consequences. In M.E. Lamb (Ed.), *The role of the Father in Child Development* (pp. 222-306). Hoboken. N.S: John Wiley and Sons.
- Pordata - Base de Dados Portugal Contemporâneo. *Número de divórcios por 100 casamentos em Portugal*. Disponível em www.pordata.pt
- Pruett, M. K., Williams, T. Y., Insabella, G., & Little, T.D. (2003). Family and legal indicators of child adjustment to divorce among families with young children. *Journal of Family Psychology*, 17 (2), 169.

- Ribeiro, M. S., & Sampaio, D. & Amaral, J. A. (1992). *Que divórcio: Aspectos psicológicos, sociais e jurídicos*. Rio de Janeiro: Edições 70.
- Riggio, H. R. (2004). Parental marital conflict and divorce, parent-child relationships, social support, and relationship anxiety in young adulthood. *Personal Relationships, 11*, 99-114.
- Rouyer, V., Frascarolo, F., Zaouche-Gaudron, C., & Lavanchy, C. (2007). Fathers of girls, fathers of boys: Influence of child's gender on fathers' experience of engagement in and representations of paternity. *Swiss Journal of Psychology, 66* (4), 225-233.
- Sarrazin, J., & Cyr, F. (2007). Parental conflicts and their damaging effects on children. *Journal of Divorce & Remarriage, 47*, 77-93.
- Schoppe-Sullivan, S. J., Brown, G. L., Cannon, E. A., Mongeldorf, S. C. & Szewczyk Sokolowski, M. (2008). Maternal Gate Keeping, Coparenting Quality and Fathering Behavior in Families with Infants. *Journal of Family Psychology, 22*, 389-398.
- Schwartz, S. J., & Finley, G. E. (2005a). Fathering in intact and divorced families: Ethnic differences in retrospective reports. *Journal of Marriage and Family, 67*, 207-215.
- Schwartz, S. J., & Finley, G. E. (2005b). Divorce-related variables as predictors of young adults' retrospective fathering reports. *Journal of Divorce and Remarriage, 44*, 145-163.
- Schwartz, S. J., & Finley, G. E. (2006). Father involvement, nurturant fathering, and young adult psychosocial functioning: Differences among adoptive stepfather, and nonadoptive stepfamilies. *Journal of Family Issues, 27*, 712-731.
- Silva, M.R., & Piccinini, C.A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Campinas, 24* (4), 561-573.

- Sobolewski, J., & Amato, P. (2007). Parents' discord and divorce, parent- child relationships and subjective well-being in early adulthood: Is feeling close to two parents always better than feeling close to one? *Social Forces*, 85 (3), 1105-1124.
- Sobolewski, J. M., & King, V. (2005). The importance of the coparental relationship for nonresident father's ties to children. *Journal of Marriage and Family*, 67, 1196- 1212.
- Torres, A. (1996). *Divórcio em Portugal, Ditos e Interditos. Uma Análise Sociológica*. Oeiras: Celta Editora.
- Torres, A. (2004). *Vida conjugal e o trabalho. Uma perspectiva sociológica*. Oeiras: Celta.
- Villas Boas, A., & Bolsoni- Silva, A. (2009). *A relação entre ex- cônjuges e entre pais e filhos após a separação conjugal*. São Paulo: Aprendizagem e desenvolvimento humano: avaliações e intervenções.
- Wall, K., Aboim, S. & Cunha, V. (2010). *A vida familiar no masculino: negociando velhas e novas masculinidades*. Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- Whiteside, M. F., & Becker, B. J. (2000). Parental factors and the young child's postdivorce adjustment: a meta-analysis with implications for parenting arrangements. *Journal of Family Psychology*, 14 (1), 5.
- Woodward, L., Fergusson, D. M., & Belsky, J. (2000). Timing of parental separation and attachment to parents in adolescence: Results of a prospective study from birth to age 16. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 162-174.
- Yárnoz- Yaben, S. (2010). Bienestar psicológico en progenitores divorciados: estilo de apego, soledad percebida y preocupación por la ex pareja. *Clinica y Salud*. 21, 77-91.

ANEXOS

Anexo A- Caracterização da Amostra

	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Nhoras	4	12	7,84	1,424
Idade mãe	20	50	32,59	5,902
Idade pai	23	70	35,70	7,716
Hab mae	4	19	11,44	3,862
Hab pai	1	21	10,33	3,963
Valid N (listwise)				

Anexo B- Output Estatística descritiva

Descriptive Statistics					
	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
fatherdirectcare	1076	1,00	5,00	2,4348	,57766
fatherindirectcare	1076	1,00	4,57	2,3978	,48615
fatherteachingdiscipline	1075	1,00	5,00	2,8786	,39030
fatherplayin	1076	1,00	4,60	3,0499	,41744
fatherplayout	1075	1,00	5,00	2,8259	,48483
motherdirectcare	1294	1,00	4,00	2,2083	,62527
motherindirectcare	1294	1,00	4,43	2,2090	,53451
motherteachingdiscipline	1293	1,00	4,20	2,6584	,54928
motherplayin	1294	1,00	4,40	2,8716	,56619
motherplayout	1292	1,00	5,00	2,6751	,59944
Valid N (listwise)	1030				

Anexo C- Output *Alpha de Cronbach*

Scale: Cuidados Directos Quest PAI

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	1052	64,7
	Excluded ^a	573	35,3
	Total	1625	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,720	5

Scale: Cuidados Indirectos Quest PAI

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	1031	63,4
	Excluded ^a	594	36,6
	Total	1625	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,692	7

Scale: Ensino/ disciplina Quest PAI

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	1027	63,2
	Excluded ^a	598	36,8
	Total	1625	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,704	5

Scale: Brincadeira Quest PAI

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	1046	64,4
	Excluded ^a	579	35,6
	Total	1625	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,652	5

Scale: lazer no exterior Quest PAI

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	952	58,6
	Excluded ^a	673	41,4
	Total	1625	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,692	4

Scale: Cuidados Directos Quest MAE

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	1260	77,5
	Excluded ^a	365	22,5
	Total	1625	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,776	5

Scale: Cuidados Indirectos Quest MAE

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	1224	75,3
	Excluded ^a	401	24,7
	Total	1625	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,747	7

Scale: Ensino/ disciplina Quest MAE

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	1231	75,8
	Excluded ^a	394	24,2
	Total	1625	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,845	5

Scale: Brincadeira Quest MAE

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	1259	77,5
	Excluded ^a	366	22,5
	Total	1625	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,802	5

Scale: lazer no exterior Quest MAE

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	1091	67,1
	Excluded ^a	534	32,9
	Total	1625	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,791	4

Anexo D- Output medidas sociodemográficas

Correlations

		fatherdir ectcare	fatherindi rectcare	fathertea chingdis cipline	fatherpla yin	fatherpla yout	motherdi rectcare	motherin directcar e	motherte achingdi scipline	motherpl ayin	motherpl ayout	Hlm	Hlp	Idm	Idp
fatherdir ectcare	Pearson Correlati on	1	,393**	,434**	,490**	,425**	,778**	,360**	,252**	,284**	,343**	,126	,053	,057	,005
	Sig. (2- tailed)		,000	,000	,000	,000	,000	,000	,001	,000	,000	,084	,469	,433	,942
	N	191	191	191	191	191	185	185	185	185	185	189	188	189	189
fatherindi rectcare	Pearson Correlati on	,393**	1	,296**	,246**	,534**	,291**	,824**	,049	,103	,492**	,117	,122	,034	,104
	Sig. (2- tailed)	,000		,000	,001	,000	,000	,000	,504	,162	,000	,108	,095	,640	,154
	N	191	191	191	191	191	185	185	185	185	185	189	188	189	189
fathertea chingdis cipline	Pearson Correlati on	,434**	,296**	1	,475**	,325**	,327**	,234**	,572**	,191**	,154*	-,029	-,006	-,058	-,030
	Sig. (2- tailed)	,000	,000		,000	,000	,000	,001	,000	,009	,036	,693	,932	,426	,683
	N	191	191	191	191	191	185	185	185	185	185	189	188	189	189
fatherpla yin	Pearson Correlati on	,490**	,246**	,475**	1	,468**	,354**	,193**	,186*	,671**	,288**	-,025	-,039	,029	-,004
	Sig. (2- tailed)														
	N	191	191	191	191	191	185	185	185	185	185	189	188	189	189

	Sig. (2-tailed)	,000	,001	,000		,000	,000	,008	,011	,000	,000	,734	,595	,695	,954
	N	191	191	191	191	191	185	185	185	185	185	189	188	189	189
	Pearson	,425**	,534**	,325**	,468**	1	,255**	,437**	-,005	,287**	,795**	,127	,035	,077	,033
fatherplayout	Correlation														
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000		,000	,000	,949	,000	,000	,082	,636	,290	,655
	N	191	191	191	191	191	185	185	185	185	185	189	188	189	189
	Pearson	,778**	,291**	,327**	,354**	,255**	1	,500**	,424**	,449**	,485**	,088	,049	,082	-,071
motherdirectcare	Correlation														
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000	,000		,000	,000	,000	,000	,200	,478	,230	,298
	N	185	185	185	185	185	217	217	217	217	217	215	213	214	215
	Pearson	,360**	,824**	,234**	,193**	,437**	,500**	1	,275**	,307**	,595**	,078	,153*	,057	,080
motherindirectcare	Correlation														
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,001	,008	,000	,000		,000	,000	,000	,255	,025	,407	,244
	N	185	185	185	185	185	217	217	217	217	217	215	213	214	215
	Pearson	,252**	,049	,572**	,186*	-,005	,424**	,275**	1	,438**	,261**	-,059	-,126	-,005	-,015
motherincharge	Correlation														
	Sig. (2-tailed)	,001	,504	,000	,011	,949	,000	,000		,000	,000	,389	,068	,942	,828
	N	185	185	185	185	185	217	217	217	217	217	215	213	214	215

motherpl ayin	Pearson Correlati on	,284**	,103	,191**	,671**	,287**	,449**	,307**	,438**	1	,440**	,077	-,026	,049	,007
	Sig. (2- tailed)	,000	,162	,009	,000	,000	,000	,000	,000		,000	,259	,705	,473	,917
	N	185	185	185	185	185	217	217	217	217	217	215	213	214	215
motherpl ayout	Pearson Correlati on	,343**	,492**	,154*	,288**	,795**	,485**	,595**	,261**	,440**	1	,083	,018	,069	-,056
	Sig. (2- tailed)	,000	,000	,036	,000	,000	,000	,000	,000	,000		,226	,789	,312	,417
	N	185	185	185	185	185	217	217	217	217	217	215	213	214	215
Hlm	Pearson Correlati on	,126	,117	-,029	-,025	,127	,088	,078	-,059	,077	,083	1	,613**	,214**	,058
	Sig. (2- tailed)	,084	,108	,693	,734	,082	,200	,255	,389	,259	,226		,000	,001	,384
	N	189	189	189	189	189	215	215	215	215	215	232	230	230	231
Hlp	Pearson Correlati on	,053	,122	-,006	-,039	,035	,049	,153*	-,126	-,026	,018	,613**	1	,242**	,100
	Sig. (2- tailed)	,469	,095	,932	,595	,636	,478	,025	,068	,705	,789	,000		,000	,132
	N	188	188	188	188	188	213	213	213	213	213	230	230	228	229
ldm	Pearson Correlati on	,057	,034	-,058	,029	,077	,082	,057	-,005	,049	,069	,214**	,242**	1	,503**

ldp	Sig. (2-tailed)	,433	,640	,426	,695	,290	,230	,407	,942	,473	,312	,001	,000		,000
	N	189	189	189	189	189	214	214	214	214	214	230	228	231	231
	Pearson Correlation	,005	,104	-,030	-,004	,033	-,071	,080	-,015	,007	-,056	,058	,100	,503**	1
	Sig. (2-tailed)	,942	,154	,683	,954	,655	,298	,244	,828	,917	,417	,384	,132	,000	
	N	189	189	189	189	189	215	215	215	215	215	231	229	231	232

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Anexo E- Output Diferenças de gênero

Descriptives

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
fatherdirectcare	1	2,4026	,58874	,06040	2,2827	2,5226	1,00	4,00
	2	2,4339	,58163	,05936	2,3160	2,5517	1,00	4,00
	Total	191	2,4183	,58384	,04225	2,3350	2,5017	1,00
fatherindirectcare	1	2,3903	,48727	,04999	2,2911	2,4896	1,14	3,71
	2	2,3658	,58403	,05961	2,2475	2,4842	1,00	4,57
	Total	191	2,3780	,53681	,03884	2,3014	2,4546	1,00
fatherteachingdiscipline	1	2,8851	,33766	,03464	2,8163	2,9539	2,00	3,75
	2	2,9208	,38173	,03896	2,8435	2,9982	1,00	4,00
	Total	191	2,9031	,35998	,02605	2,8517	2,9544	1,00
fatherplayin	1	3,0053	,35621	,03655	2,9327	3,0778	2,00	3,80
	2	3,0819	,47600	,04858	2,9855	3,1784	1,00	4,20
	Total	191	3,0438	,42136	,03049	2,9837	3,1039	1,00
fatherplayout	1	2,7175	,47659	,04890	2,6205	2,8146	1,25	3,67
	2	2,7648	,54639	,05577	2,6540	2,8755	1,00	4,50
	Total	191	2,7413	,51206	,03705	2,6682	2,8144	1,00
motherdirectcare	1	2,1610	,64148	,06008	2,0419	2,2800	1,00	3,80
	2	2,3102	,57639	,05679	2,1975	2,4228	1,00	3,80
	Total	217	2,2318	,61460	,04172	2,1496	2,3140	1,00
motherindirectcare	1	2,2138	,51432	,04817	2,1184	2,3092	1,00	3,71
	2	2,2298	,55523	,05471	2,1213	2,3383	1,00	3,57
	Total	217	2,2214	,53294	,03618	2,1501	2,2927	1,00
motherteachingdiscipline	1	2,7009	,46701	,04374	2,6142	2,7875	1,00	3,60
	2	2,8439	,38217	,03766	2,7692	2,9185	1,60	3,80
	Total	217	2,7687	,43380	,02945	2,7107	2,8268	1,00
motherplayin	1	2,8833	,46676	,04372	2,7967	2,9699	1,00	3,80
	2	2,9498	,45398	,04473	2,8611	3,0386	1,80	4,40
	Total	217	2,9149	,46087	,03129	2,8532	2,9766	1,00
motherplayout	1	2,5972	,58390	,05469	2,4889	2,7056	1,00	3,67
	2	2,6837	,55515	,05470	2,5752	2,7922	1,25	3,50
	Total	217	2,6382	,57076	,03875	2,5619	2,7146	1,00

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
fatherdirectcare	Between Groups	,047	1	,047	,136	,713
	Within Groups	64,719	189	,342		
	Total	64,766	190			
fatherindirectcare	Between Groups	,029	1	,029	,099	,753
	Within Groups	54,722	189	,290		
	Total	54,751	190			
fatherteachingdiscipline	Between Groups	,061	1	,061	,469	,494
	Within Groups	24,561	189	,130		
	Total	24,622	190			
fatherplayin	Between Groups	,281	1	,281	1,586	,209
	Within Groups	33,452	189	,177		
	Total	33,733	190			
fatherplayout	Between Groups	,106	1	,106	,405	,525
	Within Groups	49,712	189	,263		
	Total	49,819	190			
motherdirectcare	Between Groups	1,205	1	1,205	3,223	,074
	Within Groups	80,386	215	,374		
	Total	81,591	216			
motherindirectcare	Between Groups	,014	1	,014	,048	,826
	Within Groups	61,335	215	,285		
	Total	61,349	216			
motherteachingdiscipline	Between Groups	1,106	1	1,106	6,014	,015
	Within Groups	39,542	215	,184		
	Total	40,648	216			
motherplayin	Between Groups	,239	1	,239	1,127	,290
	Within Groups	45,640	215	,212		
	Total	45,880	216			
motherplayout	Between Groups	,404	1	,404	1,242	,266
	Within Groups	69,962	215	,325		
	Total	70,366	216			

Output F- Output correlação entre os casais divorciados face às dimensões do envolvimento

		Correlations									
		fatherdirec tcare	fatherindir ectcare	fatherteac hingdiscipli ne	fatherpla yin	fatherplay out	motherdire ctcare	motherindi rectcare	mothertea chingdisci pline	motherpla yin	motherpla yout
fatherdirectcare	Pearson	1	,393**	,434**	,490**	,425**	,778**	,360**	,252**	,284**	,343**
	Correlation										
	Sig. (2-tailed)		,000	,000	,000	,000	,000	,000	,001	,000	,000
	N	191	191	191	191	191	185	185	185	185	185
fatherindirectcare	Pearson	,393**	1	,296**	,246**	,534**	,291**	,824**	,049	,103	,492**
	Correlation										
	Sig. (2-tailed)	,000		,000	,001	,000	,000	,000	,504	,162	,000
	N	191	191	191	191	191	185	185	185	185	185
fatherteachingdiscipline	Pearson	,434**	,296**	1	,475**	,325**	,327**	,234**	,572**	,191**	,154*
	Correlation										
	Sig. (2-tailed)	,000	,000		,000	,000	,000	,001	,000	,009	,036
	N	191	191	191	191	191	185	185	185	185	185
fatherplayin	Pearson	,490**	,246**	,475**	1	,468**	,354**	,193**	,186*	,671**	,288**
	Correlation										
	Sig. (2-tailed)	,000	,001	,000		,000	,000	,008	,011	,000	,000
	N	191	191	191	191	191	185	185	185	185	185
fatherplayout	Pearson	,425**	,534**	,325**	,468**	1	,255**	,437**	-,005	,287**	,795**
	Correlation										
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000		,000	,000	,949	,000	,000
	N	191	191	191	191	191	185	185	185	185	185

motherdirectcare	Pearson	,778**	,291**	,327**	,354**	,255**	1	,500**	,424**	,449**	,485**
	Correlation										
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
motherindirectcare	N	185	185	185	185	185	217	217	217	217	217
	Pearson	,360**	,824**	,234**	,193**	,437**	,500**	1	,275**	,307**	,595**
	Correlation										
motherteachingdis cipline	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,001	,008	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	N	185	185	185	185	185	217	217	217	217	217
	Pearson	,252**	,049	,572**	,186*	-,005	,424**	,275**	1	,438**	,261**
motherplayin	Correlation										
	Sig. (2-tailed)	,001	,504	,000	,011	,949	,000	,000	,000	,000	,000
	N	185	185	185	185	185	217	217	217	217	217
motherplayout	Pearson	,284**	,103	,191**	,671**	,287**	,449**	,307**	,438**	1	,440**
	Correlation										
	Sig. (2-tailed)	,000	,162	,009	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
motherplayout	N	185	185	185	185	185	217	217	217	217	217
	Pearson	,343**	,492**	,154*	,288**	,795**	,485**	,595**	,261**	,440**	1
	Correlation										
motherplayout	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,036	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	N	185	185	185	185	185	217	217	217	217	217

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).